

HAPLOGIA VARIÁVEL E ESTILOS CONTEXTUAIS NO PORTUGUÊS DE PORTO ALEGRE

VARIABLE HAPLOLOGY AND CONTEXTUAL STYLES IN PORTO ALEGRE PORTUGUESE

Elisa BATTISTI¹

Rafaela Carneiro SOARES²

RESUMO: A haplogia sintática variável (*muito diferente::mui'diferente*, *morto de fome::mor'de fome*) no português de Porto Alegre, objeto de interesse do artigo, é investigada em dados de produção linguística na perspectiva da sociolinguística variacionista (LABOV, 1972, 1994, 2001a, 2010). O objetivo é testar a hipótese de que os estilos contextuais de fala na entrevista sociolinguística, propostos por Labov (2001b), tenham efeito sobre a haplogia, favorecida na fala casual, inibida na fala cuidada. A análise quantitativa de dados levantados de dezesseis entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA (2015-2019), efetuada em modelos de regressão logística de efeitos mistos na plataforma R (R Core Team, 2023), não confirma a hipótese. A haplogia correlaciona-se à constituição da sílaba-alvo, à zona de residência e à renda domiciliar do informante: é favorecida por sílabas abertas, pelas zonas central e sul e por maiores níveis de renda. O exame qualitativo dos dados mostra que a maior parte das ocorrências de haplogia consta em trechos no estilo residual e sugere que esse fato não tem a ver com o estilo em si, mas com o desenho das entrevistas do LínguaPOA (BATTISTI *et al.*, 2021). Revela também variação intraindividual em contextos idênticos ou similares, explicada pelas atividades de fala realizadas (GUMPERZ, 2002; GÖRSKI; COELHO; SOUZA, 2014) e pela proeminência relativa das palavras nos contextos de haplogia (COLLISCHONN, 2007).

PALAVRAS-CHAVE: Haplogia variável. Português de Porto Alegre. Análise de produção linguística. LínguaPOA. Estilos contextuais.

ABSTRACT: The variable syntactic haplogia in the variety of Portuguese spoken in Porto Alegre, Brazil (*muito diferente::mui'diferente* 'very different', *morto de fome::mor'de fome* 'starving to death') is the object of interest of the paper. It is investigated in the Labovian framework (LABOV 1972, 1994, 2001, 2010) using speech production data. The objective of the paper is to test the hypothesis that the contextual speech styles in the sociolinguistic interview, proposed by Labov (2001b), affect haplogia, which is favored in casual speech, inhibited in careful speech. Quantitative analysis of data collected from 16 sociolinguistic interviews from LínguaPOA (2015-2019), carried out in mixed effects logistic regression models in the R platform (R Core Team, 2023), does not confirm the hypothesis. Haplogia correlates with the target syllable's composition, the area of residence and the informant's

1. Doutora em Letras. Docente do Departamento de Linguística, Filologia e Teoria Literária, Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Bolsista Produtividade em Pesquisa 1B do CNPq. E-mail: battisti.elisa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6701-4218>.

2. Graduanda em Letras Português-Francês, Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC-CNPq). E-mail: rrsfacsoares@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2960-1822>.

household income: it is favored by open syllables, by the central and southern zones and by higher income levels. A qualitative examination of the data shows that the fact that most occurrences of haplology appear in excerpts in the residual style has nothing to do with the style itself, but with the design of the LínguaPOA interviews (BATTISTI *et al.*, 2021). It also reveals intra-individual variation in identical or similar contexts, explained by the speech activities performed (GUMPERZ, 2002; GÖRSKI; COELHO; SOUZA, 2014) and by the relative prominence of words in haplology contexts (COLLISCHONN, 2007).

KEYWORDS: Variable haplology. Porto Alegre Portuguese. Linguistic production analysis. LínguaPOA. Contextual styles.

Introdução

O artigo trata da haplogia sintática (doravante apenas *haplogia*), um processo fonológico que, em português brasileiro (PB), aplica-se variavelmente na fronteira entre palavras quando dispostas em sequência na frase: *a gente trabalhava::a gen'trabalhava, investigado de novo::investiga'de novo, perto da Redenção::per'da Redenção, quando tu era::quan'tu era*. O processo apaga a sílaba final de uma palavra se, a seguir, vier uma palavra iniciada por sílaba igual ou semelhante. O objetivo do artigo é analisar, em termos de produção linguística e na perspectiva da sociolinguística variacionista (LABOV, 1972, 1994, 2001a, 2010), os condicionadores linguísticos e sociais da haplogia em uma variedade de PB, o português de Porto Alegre.

Estudos sobre o mesmo processo nessa comunidade de fala constataram que a haplogia é variação estável, correlacionada a variáveis linguísticas (BATTISTI, 2005) – qualidade da vogal no núcleo da sílaba candidata ao apagamento e posição da palavra na frase fonológica – e sociais (BATTISTI; OUSHIRO, 2022) – mobilidade do informante entre zonas da cidade e renda domiciliar mensal do informante. Além disso, aventam a possibilidade de que a haplogia possa ser afetada pelos diferentes estilos contextuais de fala em entrevistas sociolinguísticas (SUSIN, 2020), baseados em (LABOV, 2001b).

Considerando o que foi atestado nesses estudos e indo além deles, o diferencial da análise empreendida neste artigo é perseguir a hipótese aventada por Susin (2020), mas não testada por ela, do possível efeito dos estilos contextuais na haplogia, em trechos das entrevistas sociolinguísticas de que se levantaram os dados das análises aqui realizadas. As entrevistas usadas pertencem ao *corpus* LínguaPOA (2015-2019), também empregado por Susin (2020) e Battisti e Oushiro (2022), o que contribui para a comparabilidade dos resultados. No entanto, observa-se aqui uma diferente estratificação dos informantes (ver seção sobre metodologia), razão pela qual se efetuou nova extração e codificação dos dados para as análises estatísticas efetuadas.

Além disso, soma-se à análise quantitativa um exame qualitativo dos dados, investigando-se o estilo contextual observado nos trechos em que a haplogia ocorreu, o que, como veremos, lança luz também a tópicos discursivos e atividades de fala (GUMPERZ, 2002, GÖRSKI; COELHO; SOUZA, 2014), bem como a condicionadores prosódicos do processo (COLLISCHONN, 2007).

A haplogia variável

Embora, como evidencia Oliveira (2012), sílabas com outras consoantes iniciais possam ser contexto de haplogia em certas variedades de português (*desde que::des'que, quase na hora::qua'na hora*), os alvos da haplogia no português de Porto Alegre são sequências de sílabas iniciadas por /t/ e /d/ subjacentes, o que está de acordo com Alkmim e Gomes (1982).

Nessas sequências, a sílaba apagada é, conforme Battisti (2004), a átona final da palavra à esquerda. A sílaba não apagada no início da palavra seguinte (à direita) pode ser tônica ou átona. Em termos segmentais, a sílaba apagada é similar (*prefeito de Porto Alegre::prefei' de Porto Alegre*) ou idêntica (*depende dele::depen' dele*) à sílaba inicial da palavra seguinte. Quanto à constituição prosódica, segundo Tenani (2002), a haplogia tende a ocorrer dentro da frase fonológica, o que Battisti (2005) confirma no PB de Porto Alegre.

Nas análises de produção da haplogia variável no português dessa comunidade, a proporção total de aplicação da regra apresenta-se relativamente moderada, girando entre 20% e 35%: Battisti (2005) verifica 21% (284/1341) de haplogia em dados de 12 entrevistas sociolinguísticas de informantes de Porto Alegre pertencentes ao VARSUL (BISOL; MENON; TASCIA, 2008; BISOL; MONARETTO, 2016). Em Susin (2020), que analisou dados de 16 informantes do LínguaPOA (2015-2019), a proporção total de aplicação foi de 34,3% (565/1647). Também em dados do LínguaPOA, mas em uma amostra menor (dados de 8 informantes), a análise de Battisti e Oushiro (2022) revela 27,2%, (235/864) de haplogia.

Os fatores condicionadores do processo são tanto linguísticos quanto sociais. Em Battisti (2005), a haplogia é favorecida por sílabas com a mesma vogal, dentro da frase fonológica. Susin (2020) constata que a sequência de sílabas com consoantes iguais, vogais iguais e zona sul favorecem a aplicação do processo. Na análise de Battisti e Oushiro (2022), sílaba aberta no início da palavra seguinte, níveis mais elevados de renda e maior mobilidade entre zonas da cidade favorecem a haplogia. Ou seja, guardadas as diferenças metodológicas entre os trabalhos,³ as análises indicam que, em termos linguísticos, a sílaba em sua constituição interna tem efeito sobre a haplogia, bem como, em termos sociais, a zona de Porto Alegre em que o informante habita.⁴

Os condicionadores linguísticos de um processo variável como a haplogia relacionam-se ao que Labov (1994) denomina “fraquezas estruturais” ou “aberturas” da estrutura, a partir de que forças não linguísticas operam sobre a língua na variação e mudança linguística:

3. Battisti (2005) efetuou análise quantitativa com o Goldvarb, considerando as variáveis sociais sexo, idade. Já Susin (2020) e Battisti e Oushiro (2022) usaram a Plataforma R para o tratamento estatístico dos dados, o que lhes possibilitou efetuar análise de efeitos mistos. O que distingue essas análises mais recentes são, além do tamanho das amostras, as variáveis sociais consideradas: Susin (2020) controlou os efeitos de gênero e zona, já Battisti e Oushiro (2022), de zona, renda domiciliar, gênero, mobilidade entre zonas.

4. Quatro zonas são consideradas nas análises, usadas na estratificação do LínguaPOA (2015-2019): centro, sul, leste, norte. Essas são referidas espontaneamente pelos porto-alegrenses quando perguntados a respeito, conforme Rosa (2014) e Oliveira (2015), e coincidem com as áreas de circulação das linhas de transporte coletivo urbano de Porto Alegre.

não é provável que a explicação da mudança linguística possa ser extraída apenas da estrutura linguística, uma vez que o próprio fato da mudança linguística não é consistente com nossa concepção fundamental do que é língua. Podemos tentar explicar a mudança apontando para certas **fraquezas da estrutura linguística**, mas tais limitações só podem fornecer uma **abertura para** o efeito de **forças de alguma outra fonte** [grifos nossos] que operam sobre a linguagem⁵ (LABOV, 1994, p. 5).

De acordo com Battisti (2004), uma das “aberturas” estruturais ao apagamento silábico resultante da haplogia é determinado por um princípio da estrutura fonológica das línguas naturais, o OCP,⁶ contrário a sequências de unidades fonológicas – tons, traços, segmentos – idênticos ou muito semelhantes. Collischonn (2007) observa que, além do OCP, a haplogia “é regida pelo mesmo conjunto de restrições proposto por Bisol (2003) para o sândi vocálico”⁷, mas difere desses porque não envolve reestruturação silábica, preservando a sílaba da direita intacta, o que, por seu turno, explica o fato de o acento frasal⁸ sobre essa sílaba não bloquear a haplogia.

Já os condicionadores sociais da haplogia foram controlados, nos estudos revisados, tendo-se em conta a proposição de Labov (1994) de que “explicar um achado sobre mudança linguística significará encontrar suas causas em um domínio fora da linguística: na fisiologia, na fonética acústica, nas relações sociais, nas capacidades perceptivas ou cognitivas.”⁹ (LABOV, 1994, p. 5). É o que se fará também aqui, adicionando-se *estilo contextual* a categorias já consideradas nas análises da haplogia no PB de Porto Alegre.

Estilos contextuais são, conforme Labov (2001b), diferenças estilísticas no uso da linguagem observadas em entrevistas sociolinguísticas, método canônico de obtenção de dados de fala o mais espontânea possível (considerando-se o fato de que as entrevistas são gravadas em áudio, com a ciência e anuência dos informantes) para estudos variacionistas, eliciando-se a fala a partir de questionários semiestruturados. Oito critérios definidores de estilos são contextualizados nas entrevistas, de acordo com o grau de “atenção prestada à fala, com a fala casual numa extremidade do *continuum* e os pares mínimos [fala cuidada ou monitorada] na outra” (LABOV, 2008, p. 126). A hipótese do autor é a de que, havendo variação intrafalante, como no caso da haplogia (ver seção 3, adiante), essa decorra da maior ou menor atenção prestada, pelos infor-

5. Trecho original, por nós traduzido: it is not likely that the explanation of language change can be drawn from linguistic structure alone, since the fact of language change itself is not consistent with our fundamental conception of what language is. We might try to explain change by pointing to certain **weaknesses of linguistic structure**, but such limitations can only provide an **opening for** the effect of **forces** that operate upon language **from some other source**. Grifos nossos.

6. OCP são as iniciais de *Obligatory Contour Principle* (Princípio do Contorno Obrigatório), proposto por Leben (1973).

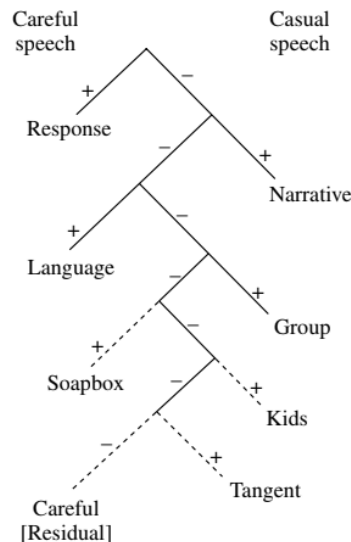
7. Sândi são modificações fonético-fonológicas de formas justapostas, para “ajuntar ou agregar formas adjacentes”. (SILVA, 2011, p. 198). O sândi externo ocorre entre palavras, sendo vocálico quando envolve vogais, como na elisão (*camisa usada*>*camisusada*), na degeminação (*camisa amarela*>*camisamarela*), na ditongação (*camisa estragada*>*camisajstragada*), processos que implicam ressilabação em português.

8. Acento frasal corresponde à “proeminência de sílabas específicas em uma frase” (SILVA, 2011, p. 45). Como explica Collischonn (2007), o acento frasal recai sobre a sílaba portadora de acento primário da palavra situada mais à direita da frase, como nas sílabas grifadas na sentença *Cantava óperas antigas*, que tem duas frases fonológicas: [cantava]_φ [óperas antigas]_φ.

9. Trecho original, por nós traduzido: To explain a finding about linguistic change will mean to find its causes in a domain outside of linguistics: in physiology, acoustic phonetics, social relations, perceptual or cognitive capacities.

mantes, à forma da fala, mais do que a seu conteúdo, o que resulta em diferentes estilos de fala alternando-se em certos trechos da entrevista e pode afetar a variação (inibi-la ou promovê-la, a depender do prestígio relativo das variantes investigadas). Os oito critérios, aqui tomados como estilos contextuais, são arranjados no que Labov (2001b) denomina *Árvore de Decisão* (figura 1). À direita da árvore estão estilos de fala casual, à esquerda, de fala cuidada ou monitorada.

Figura 1 – Árvore de Decisão



Fonte: Labov (2001, p. 94).

No eixo de fala casual (*Casual speech*), *Narrativa* são relatos de experiências pessoais dos informantes ou de conhecidos, caracterizados pelo envolvimento emocional do informante ao produzi-los. *Grupo* corresponde à fala do informante com terceiros, presentes no ambiente no momento da entrevista, ou com o próprio entrevistador, antes do início da entrevista propriamente dita. *Crianças* ou *Infância* são relatos específicos sobre essa fase de vida, de fatos, jogos e brincadeiras experimentados pelo próprio informante. *Tangente* são desvios do tópico proposto pelo entrevistador, mas de interesse do informante.

No eixo de fala cuidada (*Careful speech*), *Resposta* é o estilo característico do primeiro trecho de fala após a pergunta do entrevistador. *Língua* corresponde a comentários sobre a linguagem, sobre dialetos e questões gramaticais. *Soapbox* são opiniões gerais, como visões políticas ou ideias sobre valores culturais, e *Residual* são trechos de fala que não se encaixam nos demais estilos contextuais das entrevistas sociolinguísticas.

Susin (2020) registra a existência de diferenças consideráveis na realização individual de haplologia entre os informantes por ela considerados, que vão de 7% a quase 60%, o que poderia estar associado, segundo a autora, à alternância de estilos contextuais dos informantes ao longo da entrevista. A sugestão de Susin (2020), não analisada quantitativamente em seu estudo, é testada no presente artigo, juntamente a outros possíveis condicionadores da haplologia. Nossa hipótese, baseada nessa sugestão, é a de que as maiores taxas de aplicação do processo ocorram

em trechos de fala no estilo contextual casual, as menores, em trechos de fala no estilo contextual cuidado ou monitorado.

Metodologia

A análise quantitativa de produção linguística é efetuada, neste trabalho, com análises estatísticas multivariadas de regressão logística, em modelos lineares generalizados de efeitos mistos. Usa-se, para tanto, a plataforma R (R Core Team, 2023) na interface RStudio, empregando-se a função `glmer` do pacote `lme4`.

As análises são do tipo binomial: a variável resposta é a haplogia, opondo-se aplicação da regra (*tor' de limão*) a não aplicação da regra (*torta de limão*). As variáveis aleatórias são indivíduo, palavra à esquerda, palavra à direita. As variáveis predictoras de efeitos fixos são, em boa medida, as de Battisti e Oushiro (2022), tendo-se excluído a variável bairro e acrescentado as variáveis proparoxítona¹⁰ e estilo contextual (quadro 1).

Como afirmado anteriormente (seção 1), a hipótese testada para a variável estilo contextual é a de que a ocorrência de haplogia é maior em estilos de fala casual (infância + narrativa, tangente + grupo), menor em estilos de fala cuidada (monitorada, que engloba os estilos resposta, língua, *soapbox*, residual). Para a variável proparoxítona, a hipótese é a de que se observe menos haplogia quando houver palavra proparoxítona à esquerda, maior quando houver palavra paroxítona à esquerda.

Quadro 1 – Variáveis predictoras de efeitos fixos

Segmentos: consoantes iguais-vogais iguais (*entrada da*), consoantes iguais-vogais diferentes (*grande diferença*), consoantes diferentes-vogais iguais (*monte de*), consoantes diferentes-vogais diferentes (*gosto de*)¹¹
Sílaba um: ccv (*dentro de casa*), cv (*muito tempo*), cvc (*partes do filme*)
Sílaba dois: cv (*porta do carro*), cvc (*frente das casas*)
Tonicidade: aa [átona-átona] (*dentro de casa*), at [átona-tônica] (*a gente tem*)
Proparoxítona: sim (*sábado tinha*), não (*dentro da*)
Gênero: masculino, feminino
Zona: centro, leste, norte, sul
Renda domiciliar (mensal do informante): a, b1, b2, c1, de
Estilo contextual: infância + narrativa, monitorada, tangente + grupo
Mobilidade: M0 [dimensões trabalho, estudo, lazer na mesma zona], M1 [uma das três dimensões em outra zona], M2 [duas dimensões em outra zona]

Fonte: Adaptado de Battisti e Oushiro (2022, p. 284; 286-287).

10. Os efeitos da variável bairro sobrepõem-se aos da variável renda, por isso a primeira foi excluída. A variável proparoxítona foi inicialmente considerada por Battisti e Oushiro (2022), mas, pela raridade de vocábulos proparoxítonos na amostra dessas autoras, a variável foi posteriormente desprezada por elas. Quanto à renda, é preciso observar, como fazem Battisti e Oushiro (2022, p. 286), que essa variável não corresponde a um critério de estratificação da amostra LínguaPOA. Informações sobre renda constam na Ficha Social dos informantes do LínguaPOA e conformam-se aos níveis do Critério Brasil para a estratificação por renda, da ABEP. Informações sobre esses critérios estão disponíveis em: <https://www.abep.org/criterio-brasil>. Acesso em: 10 maio 2023.

11. No presente artigo, a variável 'Segmentos' considera a forma fonológica (subjacente), não a fonética, das vogais e consoantes nos contextos fônicos relevantes em cada dado considerado. Por exemplo, em um dado como grande diferença, tomam-se as sílabas em questão como/de/ e /di/.

Em relação aos segmentos, a hipótese é a de que há mais haplogia em sequências de segmentos de máxima semelhança (consoantes iguais-vogais iguais), conforme Battisti (2004). A hipótese para as variáveis sílaba um e sílaba dois é a de que a haplogia seja favorecida por sílabas abertas, com base em Susin (2020). Quanto à tonicidade, a hipótese é de que sequências de duas sílabas átonas tendam a promover a haplogia, como sugere a análise de Tenani (2002).

No controle das variáveis extralinguísticas, as hipóteses são de que gênero não se correlaciona à haplogia, como constatado por Battisti (2005), Susin (2020), Battisti e Oushiro (2022); em relação às variáveis zona, renda domiciliar, mobilidade, as hipóteses são as de que as zonas sul e centro, os níveis de renda mais elevados e a maior mobilidade favorecem a haplogia, conforme comprovam Battisti e Oushiro (2022)¹².

Para o tratamento estatístico dos dados, 1536 contextos de haplogia foram extraídos de oitenta e seis de 16 entrevistas sociolinguísticas de informantes do LínguaPOA (2015-2019), distribuídos equilibradamente por gênero (feminino, masculino) e zona (central, leste, norte, sul).¹³ Os contextos de haplogia foram registrados em uma planilha Excel, na qual foram também codificados para as variáveis previsoras de efeitos fixos e variáveis aleatórias consideradas nas análises. Vale esclarecer, especificamente sobre a variável estilo contextual, que as entrevistas do LínguaPOA, transcritas em ELAN, contam com uma trilha em que a fala dos informantes é segmentada em trechos de acordo com os diferentes estilos contextuais labovianos (LABOV, 2001b), como explicam Battisti *et al.* (2021). Esse registro baseou a codificação dos dados para a variável estilo contextual no presente estudo.

A planilha de dados foi, então, utilizada em uma primeira etapa da análise, em que se realizou, na Plataforma R, um teste de qui-quadrado de Pearson das variáveis previsoras, para verificar se a diferença entre os níveis (i.e. entre os fatores compreendidos em cada variável) era estatisticamente significativa, já que apenas as variáveis previsoras com valor

12. Battisti e Oushiro (2022) explicam, com base em Bourdieu (2015 [1979/1982]) e Gal (2016), que grandes áreas urbanas como Porto Alegre são cenários naturais para a emergência de distinção social e diferenciação linguística, não só pela distância entre as zonas, que inviabiliza a interação social frequente dos grupos populacionais uns com os outros, mas também devido ao fato de a estratificação dos grupos no espaço social (em estratos socioeconômicos e/ou classes) retraduzir-se no espaço físico, segundo Bourdieu (2012 [1993]). Afirmam as autoras: “Dispor de mais capital econômico viabiliza, em cidades brasileiras como Porto Alegre, habitar zonas com bairros nobres ou tradicionais, em geral centrais, a que se deslocam os sujeitos para realizar práticas de trabalho, estudo, lazer, para obter atendimento de saúde e ter acesso a serviços públicos. A distribuição diferenciada dos sujeitos no espaço físico da cidade, conforme sua posição no espaço social, implica, assim, àqueles que necessitam deslocar-se, negociar identidades individuais em cenários não locais.” (BATTISTI; OUSHIRO, 2022, p. 293). Tal negociação, segundo as autoras, é necessária porque a mobilidade no espaço urbano promove o contato de sujeitos pertencentes a grupos cujas normas de uso da linguagem podem ser relativamente distintas. Variáveis locais, estereotipadas em contexto não local, tendem a ser evitadas, variáveis prestigiadas, a ser adotadas. Nesse processo, e dependendo de seu valor social relativo, as variáveis podem apresentar algum incremento ou redução nas proporções de uso, como pode ocorrer com a haplogia.

13. Os informantes não são os mesmos de Susin (2020), que também usou dados do LínguaPOA, levantados do mesmo número de entrevistas. Os informantes selecionados para o presente estudo distribuem-se em diferentes faixas etárias (10 deles pertencem à faixa etária de 20-39 anos, 1 pertence à de 40-50 anos, 5 são da faixa de 60 ou mais anos). Já os de Susin (2020) são todos da faixa 20-39 anos.

de p significativo – igual ou inferior a 0,05 ($p \leq 0,05$) – seriam incluídas nos modelos de regressão. Apenas três variáveis não apresentaram valor de p significativo no teste de qui-quadrado: sílaba dois, segmentos, proparoxítona, razão pela qual essas variáveis não foram incluídas nos modelos de regressão. Assim, testou-se a interação das demais sete variáveis predictoras de efeitos fixos em sete modelos, dos quais dois serão apresentados e discutidos na próxima seção.

Após a análise quantitativa de produção linguística, realizou-se um exame qualitativo dos dados, buscando informações adicionais para discutir os resultados da variável estilo contextual, que, como se verá, não comprovaram a hipótese testada. Para tanto, retornamos às entrevistas dos informantes, mas apenas àquelas de informantes situados em extremos opostos quanto à proporção de aplicação do processo: de um lado, estão os informantes que apresentaram menos de 10% de haplologia (3 informantes), de outro, os informantes que produziram mais de 25% de haplologia (4 informantes). Extraíram-se, das sete entrevistas, cada um dos trechos de fala em que houve haplologia, buscando-se o estilo contextual observado e a presença, nesses trechos, de contextos em que poderia ter havido haplologia, mas em que o processo não ocorreu.

Resultados

A análise quantitativa revelou uma proporção total de haplologia de 19,2% em nossa amostra. Aproxima-se de 20%, mas é inferior aos índices dos estudos anteriores de haplologia em Porto Alegre (BATTISTI, 2005; SUSIN, 2020; BATTISTI; OUSHIRO, 2022), o que atribuímos, de um lado, ao fato de a amostra ser maior, e, de outro, especialmente em relação ao estudo de Susin (2020), ao fato de os informantes do LínguaPOA aqui considerados terem diferente perfil social (ver nota 14).

A tabela 1 traz os resultados do modelo de regressão completo, com todas as variáveis predictoras de efeitos fixos que exibiram valor de p significativo do teste de qui-quadrado.¹⁴ Nesse modelo, vê-se que as variáveis correlacionadas à haplologia são zona, sílaba um e renda domiciliar. A variável estilo contextual, de especial interesse neste trabalho, não apresenta correlação.

14. Em modelos de regressão, sinaliza-se a correlação das variáveis predictoras com a variável resposta considerando-se os seguintes símbolos, dispostos ao lado direito dos valores na coluna p (valor de p): se um valor de p for menor que 0,1, indicando correlação próxima ao nível de significância estatística, ele será sinalizado com um ponto (.). Valores de p que atestam correlação estatisticamente significativa são sinalizados conforme seu nível de significância: se um valor de p for menor que 0,05, ele será sinalizado com um asterisco (*). Se um valor p for menor que 0,01, ele será sinalizado com 2 asteriscos (**). Se um valor p for menor que 0,001, ele será sinalizado com 3 asteriscos (***)

Tabela 1 – Análise de regressão de efeitos mistos da haplogia

N = 1536

Intercept = -1,7196

Variável	Apl./Tokens	Estimativa	Erro padrão	Valor z	p
Gênero					
Feminino (valor de ref.)	148/869 (17%)				
Masculino	151/667 (23%)	-0,343	0,456	-0,751	0,452
Zona					
Zona central (valor de ref.)	77/360 (21%)				
Zona leste	32/344 (9%)	-1,728	0,736	-2,347	0,018 *
Zona norte	43/414 (10%)	-0,745	1,001	-0,745	0,456
Zona sul	147/418 (35%)	1,068	0,826	1,293	0,196
Sílaba um					
Sílaba um ccv (valor de ref.)	26/77 (34%)				
Sílaba um cv	272/1386 (20%)	-0,221	0,577	-0,383	0,701
Sílaba um cvc	1/73 (1%)	-3,544	1,181	-3,000	0,002 **
Renda Domiciliar					
Renda a (valor de ref.)	153/699 (22%)				
Renda b1	90/310 (29%)	0,121	0,639	0,190	0,849
Renda b2	17/268 (6%)	-1,540	0,759	-2,028	0,042 *
Renda c1	36/214 (17%)	0,431	0,710	0,608	0,543
Renda de	3/45 (7%)	-2,279	1,203	-1,893	0,058.
Tonicidade					
Tonicidade aa (valor de ref.)	239/1150 (21%)				
Tonicidade at	60/386 (15%)	-0,101	0,300	-0,336	0,737
Estilo Contextual					
Infan.narr (valor de ref.)	18/127 (14%)				
Monitorada	255/1315 (19%)	0,174	0,326	0,535	0,592
Tangente.grupo	26/94 (28%)	0,334	0,428	0,780	0,435
Mobilidade					
M0 (valor de ref.)	85/421 (20%)				
M1	87/579 (15%)	-0,188	0,566	-0,333	0,739
M2	127/536 (24%)	-0,429	0,709	-0,605	0,545

Modelo 1 (HAPLOGIA ~ GENERO + ZONA + SILABAUM + RENDA.DOMIC+TONICIDADE + ESTILO2 + MOBIL + (1|PALAVDIR) + (1|PALAVESQ) + (1|INDIVIDUO), data = dadoshaplolo16, family = binomial)

Fonte: Elaboração própria.

O fato de a haplogia não se correlacionar com a variável gênero confirma nossa hipótese e está de acordo com o atestado nos trabalhos anteriores (BATTISTI, 2005; SUSIN, 2020; BATTISTI; OUSHIRO, 2022) sobre o processo no PB de Porto Alegre. Já a ausência de correlação de tonicidade com a haplogia não permite comprovar a hipótese de que o processo tenderia a ocorrer na sequência de duas sílabas átonas, embora, na amostra, a

proporção de haplologia seja maior na sequência átona-átona (21%) do que na sequência átona-tônica (15%). Algo semelhante se pode afirmar sobre mobilidade, variável proposta por Battisti e Oushiro (2022) que, naquele estudo e em dados de 8 informantes, exibiu correlação com a haplologia e permitiu às autoras pensar que a maior mobilidade poderia implicar o uso de certos recursos de identificação e distinção social, entre eles a linguagem. A falta de correlação de mobilidade com a haplologia em nossa amostra, maior em número de dados (de 16 informantes) do que a de Battisti e Oushiro (2022), não comprova a hipótese de que a maior mobilidade entre zonas favoreça a haplologia, ainda que a maior proporção de aplicação no processo observe-se no fator M2 (24%).

A ausência de correlação da haplologia com estilo contextual frustra a expectativa do presente estudo, de que a aplicação do processo fosse favorecida em estilos de fala casual, mesmo que, na amostra, a proporção de haplologia tenha sido maior no fator tangente grupo (28%). A esse respeito, vale apontar, de imediato, o desequilíbrio existente na distribuição de dados por fator dessa variável, que pode ter afetado os resultados. Procuramos solucionar o desequilíbrio amalgamando fatores, desde que não se subvertessem as categorias labovianas. Os três fatores mantidos na variável estilo contextual apresentaram diferenças significativas no teste de qui-quadrado, mas não garantiram a correlação da variável com a haplologia nos diferentes modelos de regressão testados. Parece-nos que o desequilíbrio no número de dados por fator dessa variável decorra das atividades de fala¹⁵ promovidas nas entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA, mais voltadas a opiniões (*soapbox*) e descrições do cotidiano em Porto Alegre (residual) do que a narrativas de experiência pessoal. Assim, não podemos afirmar, em definitivo, que os estilos contextuais previstos por Labov (2001b) não tenham efeito sobre a haplologia no PB de Porto Alegre e reconhecemos que o desenho das entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA, bem como os dados obtidos com base nele, possam ter comprometido, em alguma medida, a representatividade dos estilos contextuais labovianos nesse banco de dados. Adiante, no relato do exame qualitativo dos dados, voltaremos aos estilos contextuais e à possibilidade de haver, na haplologia variável, algum efeito das atividades de fala neles realizadas em torno de certos tópicos discursivos, como sugerem os diferentes trabalhos em Görski, Coelho e Souza (2014).

Já a correlação das variáveis zona, sílaba um e renda domiciliar com a haplologia manteve-se nos diferentes modelos testados. A tabela 2 traz os resultados do modelo em que constam apenas essas três variáveis.

15. Usamos *atividades de fala* conforme Gumperz (2002), como unidades básicas da interação, socialmente relevantes, tais quais solicitar algo, oferecer ajuda, negar, desculpar-se, agradecer, contar piadas, concordar, discordar, adicionar informações etc.

Tabela 2 – Análise de regressão de efeitos mistos da Haplogia com Zona, Sílabas um e Renda domiciliar

N = 1536

Intercept = -1,8981

Variável	Apl./Tokens	Estimativa	Erro padrão	Valor z	p
Zona					
Zona central (valor de ref.)	77/360 (21%)				
Zona leste	32/344 (9%)	-1,690	0,709	-2,381	0,017 *
Zona norte	43/414 (10%)	-0,957	0,783	-1,222	0,221
Zona sul	147/418 (35%)	0,919	0,598	1,535	0,124
Sílabas um					
Sílabas um ccv (valor de ref.)	26/77 (34%)				
Sílabas um cv	272/1386 (20%)	-0,191	0,577	-0,331	0,740
Sílabas um cvc	1/73 (1%)	-3,517	1,176	-2,989	0,002 **
Renda domiciliar					
Renda a (valor de ref.)	153/699 (22%)				
Renda b1	90/310 (29%)	0,007	0,598	0,013	0,989
Renda b2	17/268 (6%)	-1,443	0,639	-2,259	0,023 *
Renda c1	36/214 (17%)	0,396	0,678	0,585	0,558
Renda de	3/45 (7%)	-2,020	1,070	-1,887	0,059.

Modelo 7 (HAPLOGIA ~ ZONA + SILABAUM + RENDA.DOMIC + (1|PALAVDIR) + (1|PALAVESQ) + (1|INDIVIDUO)),
data = dadoshaplolo16, family = binomial)

Fonte: Elaboração própria.

Na variável zona, os resultados na tabela 2 mostram que, no PB de Porto Alegre, a haplogia é desfavorecida pelo fator zona leste, sendo mais frequente nas zonas sul e central, o que comprova nossa hipótese. Na variável sílabas um, o fator sílabas cvc (*partes do filme*) desfavorece a haplogia, o que, por contraposição, confirma nossa hipótese, de que sílabas abertas (fatores ccv, cv) favoreceriam o processo, já que cvc é uma sílaba fechada e as consoantes na coda silábica contribuem para a dissimilaridade entre as sílabas. É preciso admitir, no entanto, a distribuição desequilibrada de dados por fator na variável sílabas um, não resolvida por amalgamação de fatores, para manter a consistência teórica das categorias linguísticas por eles referidas.

Em relação à variável Renda domiciliar, o fator b2 desfavorece a haplogia, o que confirma, novamente por contraposição, a hipótese testada, de que a haplogia é favorecida pelos níveis mais elevados de renda (a, b1). Como se explicou antes (ver nota 13), níveis maiores de renda financiam o deslocamento dos sujeitos entre zonas para práticas como as de estudo, de lazer, níveis menores de renda podem restringir os sujeitos aos cenários locais. Essa relação entre renda, mobilidade (deslocamento no espaço urbano) e usos da linguagem está implicada na negociação de identidades em espaços locais e não locais, e pode afetar a proporção de uso das variáveis, como parece ser o caso da haplogia.

Há, também na variável Renda, algum desequilíbrio na distribuição de dados por fator, mantidos sem amalgamação de modo a não subverter a lógica de sua proposição. Ainda assim, as mais altas proporções de aplicação nos fatores referentes aos níveis mais altos de renda, a (22%) e b1 (28%), sustentam nossa hipótese. Esse resultado aponta para uma possível associação da haplogia com classe social. Como sugerem Battisti e Oushiro (2022), a haplogia pode ser um entre outros recursos (linguísticos e extralinguísticos) mobilizados pelos porto-alegrenses de diferentes estratos sociais para a realização de práticas sociais cotidianas, colaborando na instanciação do processo variável.

Os resultados da análise quantitativa atestam, portanto, a correlação da haplogia no PB de Porto Alegre com uma variável linguística e duas sociais. Confirma-se a ligação do processo com a estrutura silábica, o que se pode associar à semelhança das sílabas em questão, uma das “aberturas” da língua à haplogia, nos termos de Labov (1994). Confirma-se, também, a ligação do processo com zona e renda domiciliar, aspectos externos à língua, tomados como explicações ou causas da variação no pensamento laboviano. Essas variáveis sociais são tanto geográficas quanto de estratificação social, o que sugere haver uma possível delimitação de subfalares de PB operando no espaço da cidade.

Já o exame qualitativo dos dados, de que passamos a tratar, revela uma clara distinção entre os informantes que produziram menos (abaixo de 10%) e mais (acima de 25%) haplogia em termos de estilo contextual. As oito ocorrências do processo na fala dos três informantes que menos realizaram haplogia ocorreram, todas, em trechos do tipo residual, um dos estilos contextuais de fala cuidada ou monitorada, e a maioria envolveu a preposição *de*, em sequências de sílabas átona-átona. Esses dados estão reunidos e grifados em (1), com as sílabas apagadas entre parênteses.

- | | | |
|-----|-------------------------------------|---------------------------------------|
| (1) | den(tro) de casa | mui(to) de cara |
| | per(to) de casa | gos(to) de dirigir |
| | per(to) da Redenção | par(te) de cima |
| | per(to) de tudo | quan(do) tem trabalho |

Os tópicos abordados nos trechos das entrevistas de que se extraíram os dados em (1) são gostos pessoais, rotina de trabalho, trânsito da cidade, possuir animais de estimação, escolha do bairro para morar, a que os informantes adicionaram alguma informação pontual, sem, no entanto, prolongar-se, o que pode ser uma demonstração de desinteresse ou constrangimento em relação ao tema. Assim, entre os informantes que menos produziram haplogia, essa foi observada em momentos de fala menos desenvolvida, em que as sílabas apagadas podem ter contribuído para abreviar o trecho, mesmo sendo o estilo residual um tipo de fala cuidada, na proposta de Labov (2001b). Interessante observar que a maior parte dos dados em (1), com a preposição *de*, envolve uma sequência de sílabas átonas tanto no nível do acento primário quanto no nível do acento frasal.

Entre os informantes que mais produziram haplologia, o processo aplicou-se a dados em trechos com outros estilos contextuais além do residual. A impressão é a de que a aplicação ocorreria nos mesmos índices (entre 25% e 50%), independentemente dos estilos contextuais, caso o desenho das entrevistas provocasse a instanciamento equilibrada dos diferentes estilos. Tal comportamento da haplologia é peculiar a processos fonético-fonológicos variáveis mais avançados em sua progressão. Assim, não valeria, para os informantes com os maiores índices de haplologia, a afirmação de que o processo acompanharia a abreviação da fala por desinteresse ou constrangimento provocado pelo tópico, feita antes em relação aos informantes com os menores índices de aplicação.

Ainda assim, observamos que as ocorrências de haplologia entre os maiores produtores do processo predominaram em estilos de fala monitorada, destacando-se, entre eles, o estilo residual. Isso corrobora o afirmado antes, sobre o desenho das entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA e as atividades de fala por ele suscitadas, em razão dos tópicos discursivos abordados. Uma pequena amostra das ocorrências de haplologia na fala dos maiores produtores do processo entre nossos informantes está em (2), sendo (2.a) um trecho no estilo residual, (2.b), no estilo tangente, (2.c), no estilo *soapbox*.

(2)	Tópico	Atividade	Trecho
a.	Frequentar o carnaval de Porto Alegre	Explicar, para justificar negativa	“algumas escolas é era mais per(to) do do centro né isso é daí o desfile era <u>perto do</u> centro ali daí era tudo junto daí agora tendo sendo lá no Porto Seco só quem vai é o pessoal das escolas de samba né”.
b.	Conhecer os diferentes bairros	Descrever, para sustentar posição	“hoje a cida(de) tem shoppings tem outras coisas então mudou muito” [...] “essa <u>cidade tinha</u> bonde sabe o que é bonde? era uma era um era um transporte por carril né era o tran como tem na cidade da Alemanha como tem em Lisboa como tem tinha bonde em todo o lugar tu ia com bonde”.
c.	Usar transporte público	Explicar, para esclarecer opinião	“e aqui não tem no Rio São Paulo têm tem na em Recife tem na Bahia Porto Alegre a os gaúchos geniais não conseguiram resolver o Rio <u>Grande do</u> Sul tá passando uma doença muito séria é o emburrecimento da cultura gaúcha sabe o estreitamento [...] falta de visão falta de espírito crítico e a perda enorme o Rio Gran(de) do Sul hoje é um perdedor dentro do país né”.

Os dados em (2.a), (2.b) e (2.c) mostram o empenho dos informantes em realizar as atividades de justificar negativa, sustentar posição, esclarecer opinião, com explicações e descrição, nos estilos residual, tangente e *soapbox*, respectivamente, ilustrando seu envolvimento com os tópicos. Constam em trechos relativamente longos nas entrevistas, o que permite constatar, além disso, a existência de variação intraindividual em torno de praticamente os mesmos itens lexicais, em que ora há haplologia (em negrito), ora não há aplicação do processo (sublinhada).

Em (2.a) e (2.c), a não aplicação ocorre imediatamente após o informante titubear e repetir palavras, o que parece ser uma manifestação de fala mais cuidada após (re)formulação da reflexão. Já em (2.b), o fato de ocorrer haplogia em *a cida(de) tem shoppings*, mas não em *essa cidade tinha bonde* parece resultar de um diferente fraseamento prosódico, que torna o contexto na primeira sequência menos proeminente do que na segunda no nível do acento frasal, como se vê na comparação de (3.a) com (3.b).¹⁶

(3)

- | | | |
|----|---|---|
| a. | [x] _φ [x] _φ
[x] _ω [x] _ω [x] _ω
σ σ σ σ σ σ
a.si.da.de tẽ ⁿ ʃɔ.pĩ ⁿ | Nível do acento frasal
Nível do acento primário
Nível das sílabas |
| b. | [x] _φ [x] _φ [x] _φ
[x] _ω [x] _ω [x] _ω [x] _ω
σ σ σ σ σ σ σ
ɛ.sa si.da.de tĩ.ɲa bõ ⁿ .de | Nível do acento frasal
Nível do acento primário
Nível das sílabas |

No dado em (3.a), *cidade tem*, as sílabas em sequência no contexto da haplogia são átona-tônica no nível do acento primário, mas átona-átona no nível do acento frasal. Já em (3.b), *cidade tinha*, a sequência silábica alvo do processo é átona-tônica nos dois níveis de acento, primário e frasal, o que parece inibir a haplogia. O fato de *tem*, em (3.a), não portar acento no nível da frase pode relacionar-se a sua monossilabidade, característica que compartilha com palavras funcionais e verbos cópula, passíveis de perder seu acento na frase, conforme Collischonn (2007), referindo Bisol (1992). Em (3.b), o acento frasal em *tinha* contribui para a proeminência relativa dessa palavra, assim garantindo a veiculação de informações morfossintáticas relevantes.

Considerações finais

Embora a análise quantitativa não tenha confirmado a hipótese testada, de favorecimento da haplogia variável em estilos contextuais de fala casual, comprovou que, no PB de Porto Alegre, o processo correlaciona-se com as variáveis sílaba um, zona de residência e renda domiciliar do informante. A haplogia é, portanto, condicionada linguística e socialmente, o que pode explicar tanto sua estabilidade, quanto a possibilidade de, em algum momento, o processo vir a progredir. Assim, ainda que se tenha constatado, em trabalho anterior (BATTISTI, 2005), variação estável da haplogia no PB de Porto Alegre, os resultados da análise de produção re-

16. Nas transcrições fonéticas, o símbolo sobrescrito de consoante nasal representa o resultado de assimilação de ponto de articulação da vogal precedente (nos vocábulos *tem*, *shopping*) ou da consoante seguinte (vocábulo *bonde*).

alizada no presente estudo sugerem testar, em tempo aparente (LABOV, 1994), a hipótese de a haplologia variável estar em progresso na comunidade. Isso implica controlar a variável faixa etária na amostra mais recente, a do LínguaPOA, o que não foi feito neste artigo. Esse é um dos possíveis desenvolvimentos futuros do trabalho.

O exame qualitativo dos dados revelou ser do tipo residual o estilo de fala em que se observaram as poucas ocorrências de haplologia produzidas pelos informantes com menores taxas de aplicação. Esse comportamento, contrário à nossa hipótese, já que residual é um tipo de fala cuidada, parece resultar dos tópicos discursivos abordados nesses trechos das entrevistas, a que os informantes não aderiram. A haplologia acompanhou a abreviação do discurso. Já o exame dos dados dos maiores produtores de haplologia mostrou aplicação do processo nos diferentes estilos contextuais, mas atestou a maior frequência de haplologia no estilo residual, muito provavelmente porque residual é, também, aquele que se observa a maior parte do tempo nas entrevistas. Uma decorrência desse fato pode ser, em etapa futura da investigação, equilibrar o número de dados por estilo contextual, estabelecendo algum critério de redução do número de contextos extraídos de trechos em estilo residual.

O exame qualitativo revelou, também, variação intraindividual afetando contextos idênticos ou similares de haplologia, o que se explicou mobilizando a ideia de que a máxima atonicidade das sílabas em sequência favoreça o processo, atonicidade essa aparentemente relacionada não só ao nível do acento primário, mas também ao nível do acento frasal. Abre-se, aí, outra via de desenvolvimento do trabalho, voltada ao controle do efeito do acento frasal na haplologia.

Esperamos, assim, que este artigo tenha deixado alguma contribuição para explicar a haplologia em português, como também para futuras investigações sobre o tema.

Referências

- ABAURRE, M. B. M. Acento frasal e processos fonológicos segmentais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 41-50, 1996.
- ALKMIM, M. G. R.; GOMES, C. A. G. Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavra. *Cadernos de linguística e teoria da literatura*, Belo Horizonte, n. 7, p. 43-70, 1982.
- BATTISTI, E. Haplologia sintática e efeitos de economia. *Organon* 36, v. 18, p. 31-39, 2004.
- BATTISTI, E. Haplologia no português do sul do Brasil: Porto Alegre. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, n. 141, p. 73-88, 2005.
- BATTISTI, E.; OLIVEIRA, S. G. de. Classe social e significados sociais do ingliding de vogais tônicas no português de Porto Alegre (RS). In: MENDES, L. S.; SILVA, N. P. de S.; SILVA, S. C. D. da. *Anais do X Congresso Internacional da ABRALIN*. Niterói-RJ: Letras da UFF, 2017. p. 1527-1536.
- BATTISTI, E.; OUSHIRO, L. A motivação social da haplologia variável no português de Porto Alegre. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 62, p. 270-302, 2022.
- BATTISTI, E.; SANTOS, B. S. dos; GUTTERRES, R. L.; TEIXEIRA, T. T.; CUNHA, V. G. Alternância

de estilo em entrevistas sociolinguísticas: uma aplicação dos critérios da Árvore de Decisão laboviana. *Revista do GEL*, v. 18, n. 3, p. 311-334, 2021.

BISOL, L. Sândi vocálico externo: degeminação e elisão. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, n. 23, p. 83-101, 1992.

BISOL, L. Sandhi in Brazilian Portuguese. *Probus*, n. 15, p. 177-200, 2003.

BISOL, L.; MENON, O.; TASCIA, M. VARSUL, um banco de dados. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (orgs.). *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

BISOL, L.; MONARETTO, V. N. de O. Prefácio: VARSUL e suas origens, uma história sumariada. *REVEL*, Porto Alegre, Edição especial, n. 13, p. 6-11, 2016.

BOURDIEU, P. Efeitos de lugar. In: BOURDIEU, Pierre. (Coord.). *A miséria do mundo*. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2012 [1993]. p. 159-166.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, 2015 [1979/1982].

COLLISCHONN, G. Proeminência acentual e estrutura silábica: seus efeitos em fenômenos do português brasileiro. In: ARAÚJO, G. A. de. *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 195-223.

GAL, S. Sociolinguistic differentiation. In: COUPLAND, N. (Ed.). *Sociolinguistics: theoretical debates*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 113-135.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. (orgs.). *Variação estilística: reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise*. Florianópolis: Insular, 2014.

GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. Tradução José L. Meurer e Viviane Heberle. In: RIBEIRO, Branca T.; GARCEZ, Pedro M. *Sociolinguística interacional*. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 149-182.

LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. The intersection of sex and social class in the course of linguistic change. *Language Variation and Change*, 2, p. 205-254, 1990.

LABOV, W. *Principles of linguistic change, Volume 1: internal factors*. Cambridge/Oxford: Blackwell, 1994.

LABOV, W. *Principles of linguistic change, Volume 2: social factors*. Malden/Oxford: Blackwell, 2001a.

LABOV, W. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, P. ; RICKFORD, J. R. (eds.). *Style and sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001b. p. 85-108.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, W. *Principles of linguistic change, Volume 3: cognitive and cultural factors*. Malden/Oxford/West Sussex: Wiley-Blackwell, 2010.

LEBEN, William R. *Suprasegmental phonology*. MIT: Ph.D. Dissertation, 1973.

LÍNGUAPOA. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2015-2019 (período de coleta). Disponível em: <https://www.ufrgs.br/linguapoa/>. Acesso em: 09 maio 2023.

OLIVEIRA, A. J. de. “Comendo o final das palavras”: análise variacionista da haplogia, elisão e apócope em Itaúna/MG. 2012. 296 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

OLIVEIRA, S. G. de. O estereótipo do falar porto-alegrense: percepções e atitudes sobre o falar com ingliding e alongamento vocálico. *An@is Fórum FAPA: XIV Fórum FAPA*. Ed. 7. Porto Alegre, p. 358-374, 2015.

R Core Team. *R: a language and environment for statistical computing*. Viena: R Foundation for Statistical Computing, 2023. Disponível em <https://www.R-project.org>. Acesso em: 10 maio 2023.

ROSA, R. S. *A comunidade de fala de Porto Alegre no estudo da variação linguística: identificando subcomunidades*. 2014. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SILVA, T. C. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

SUSIN, B. S. *A haplogia sintática variável no português da capital gaúcha*. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos*. 2002. 317 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.